

ROSANA PULGA

# **A ESCRAVIDÃO VISTA PELO RETROVISOR**

Carta de Paulo a Filêmon  
e sua atualidade



# Apresentação

Em pleno século XXI ainda vivemos em sociedades de maioria cristã, mas que convivem com formas de trabalho escravo, assistindo à relativização e, inclusive, à negação dos direitos dos trabalhadores, considerados mera força de trabalho e valorizados somente pelo lucro ou ganho que produzem. São relações contraditórias do ponto de vista cristão, se considerarmos a mensagem evangélica que prega relações mais fraternas, mais humanas e menos interesseiras, sem reduzir o outro a mero objeto.

Nilce Ercília Pulga (Irmã Rosana Pulga),<sup>1</sup> neste trabalho, traz uma reflexão a respeito da carta de Paulo a Filêmon. Mesmo sendo um texto muito breve, possibilita reflexões ainda válidas para nossa época. A autora apresenta a intervenção do apóstolo Paulo no grave problema da escravidão pelo viés do *habeas corpus*.

Com a carta, Paulo queria levar Filêmon à reflexão e a uma mudança de atitude com relação a Onésimo,

---

<sup>1</sup> Nilce Ercília Pulga (Irmã Rosana Pulga, Paulinas), bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, é pós-graduada em Cultura Teológica – EAD, pela Faculdade Salesiana de Campo Grande/MS, e atua na área da pastoral bíblica.

E-mails: rosanapulga@yahoo.com.br e rosana.pulga@paulinas.com.br

seu escravo. Com poucas palavras, Paulo faz um apelo à consciência de Filêmon para que a vivência de sua fé não fique na mera teoria, mas possa ser vivenciada e concretizada numa atitude de amor ao próximo, olhando para Onésimo não mais como escravo, mas como irmão.

Trata-se de um trabalho no qual Irmã Rosana traz a reflexão para a atualidade brasileira e faz um chamado a nossa consciência como cristãos. Ao contrário do que pode parecer, “mais hoje do que na época de Paulo apóstolo, verifica-se uma inversão de valores, quando não, uma perda total de princípios [...] hoje a escravidão é mais sofisticada quer em seu pensamento ideológico, quer em suas ferramentas de exclusão social” (Irmã Rosana Pulga).

Hoje, a maioria não aceita a escravidão, mas a prática nem sempre é coerente com esse discurso. Por isso, ainda é necessário o apelo ao cristão para que tenha consciência, saia da mera teoria e tome atitudes a fim de construir uma sociedade mais fraterna, mais igualitária.

A autora, com linguagem simples mas abrangente, e com metodologia pastoral, oferece aos seus leitores uma ferramenta preciosa para aprofundar o pensamento do apóstolo Paulo sobre uma realidade antiga e atual, e para, como pede o Papa Francisco, iluminar a realidade social com a luz e a sabedoria do Evangelho.

“É para isso que vamos à luta! É para isso que invocamos a força protetora do apóstolo Paulo! Não podemos deixar morrer a esperança de que dias melhores hão de vir para todo cidadão deste chão brasileiro afro-índio” (Irmã Rosana Pulga).

BLANCA MARTÍN SALVAGO

Profa. e orientadora do Curso Cultura Teológica – AD  
Universidade Salesiana de Campo Grande, MS

# Introdução

“Obra-prima da arte epistolar,  
a ponto de Erasmo desafiar Cícero  
a ultrapassá-la na eloquência,  
a epístola a Filêmon é uma verdadeira joia  
da literatura antiga”

(*Dicionário Enciclopédico da Bíblia*,  
verb. Filêmon, 2002, p. 541).

A carta de Paulo Apóstolo a Filêmon é muito breve – em formato bíblico: capítulo único dividido em 25 versículos. Nem por isso, entretanto, dispensa a ordem das grandes epístolas e sempre foi alvo de muitos questionamentos que vários estudiosos tentaram responder. Sem dúvida, como diz Bortolini: “se encontrássemos respostas a todas as perguntas, estaríamos em melhores condições para entender a Carta a Filêmon, tirando daí interessantes conclusões práticas” (BORTOLINI, 2008, p. 7). Não seremos, portanto, os últimos a aventurar-nos nesta proposta, uma vez que o campo permanece aberto.

No meu curso de Teologia, causou-me estranheza ouvir docentes acusando Paulo e até Jesus de não terem

dito nada “abertamente” sobre o problema da escravidão. Esse questionamento me intrigou, levando-me a uma busca fiel até verificar que toda a ação de Paulo (e de Jesus) foi uma luta constante contra toda e qualquer forma de escravidão. Paulo serve-se de palavras, atitudes e ações para demonstrar que a escravidão não condiz com a libertação trazida a nós por Jesus Cristo. A escravidão é bestialidade humana e um mal em si mesma; é um atentado à liberdade e à dignidade humana, além de ser “inútil” para o bom espírito da sociedade sonhada por Paulo.

Após o chamado no caminho de Damasco, descrito em Atos dos Apóstolos (9,1-18): “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9,4), Paulo<sup>2</sup> compreendeu sua nova missão de tornar o Evangelho de Jesus Cristo conhecido e amado em todo o mundo. Na realização dessa vocação, ele mesmo foi duramente perseguido e escravizado (At 9,23-29). Na segunda Carta aos Coríntios confessa que foi açoitado com varas e chicotes, apedrejado até seus algozes tê-lo por morto; por várias vezes enfrentou a morte experimentando fome, sede, nudez, naufrágios, cadeias e abandono (2Cor 11,23-27). Portanto, uma vida de constantes lutas, esperanças e sofrimentos por causa do Evangelho.

---

<sup>2</sup> *Saulo* era seu nome de origem em hebraico, lembrando o rei Saul. Enquanto *Paulo* é de origem latina e significa “o pequeno”. Ele o assume após a conversão, como um sinal de sua inculturação ao mundo helenista.

Foi durante uma de suas prisões romanas que Paulo recebeu Onésimo, um escravo que fugira de seu “senhor de escravos”, Filêmon. Paulo o converte ao cristianismo. Experimentando, ele, na própria carne, os efeitos da “escravidão”, escreve uma carta a seu “amado colaborador” em Cristo, Filêmon (v. 1). Paulo o faz como um gesto de confiança no “amigo”, ciente de que ele próprio poderia estar incorrendo numa grave armadilha, posto que as autoridades romanas não viam com bons olhos quem ajudasse ou acolhesse um escravo fugitivo. O envolvimento de Paulo com o escravo Onésimo poderia comprometer sua própria liberdade. Ele poderia até ser punido pela lei romana, ao ser responsabilizado pelo suposto dano que o escravo fugitivo “causara” a seu senhor. No entanto, não observamos nenhum temor em Paulo ao colocar-se como defensor de um escravo não cristão.

Para Paulo, *em Cristo somos todos irmãos*, e como “irmão amado” pede a Filêmon que receba, em Cristo, Onésimo, evidenciando que na comunidade cristã não pode haver injustiças nem desigualdades: “não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28; veja também 1Cor 12,13), e muito menos distinção de pessoas, porque Deus não leva em conta nem aparência, nem sabedoria ou poder (Rm 2,11; Gl 2,6; At 10,34).